

Dramaturgia pluriversal II: negras narrativas

Nesta ementa, você vai encontrar o conteúdo presente no curso *Dramaturgia pluriversal II: negras narrativas*. O objetivo é apresentar o percurso formativo que você irá percorrer.

O curso abordará o processo de pesquisa na construção de dramaturgias baseadas em mitologias africanas e de que modo elas contribuem para a reinvenção do imaginário sob um ponto de vista “empretecedor” das narrativas no teatro e na *performance*. Por tratar-se de uma criação a partir da dramaturgia, o público-alvo são artistas que trabalham com a escrita cênica: dramaturgos, roteiristas, atores, diretores e pessoas interessadas na discussão crítica sobre o problema atual de representação dessas personagens na ficção e o aprofundamento nas novas possibilidades dessa representação e da representatividade em obras ficcionais.

A curadoria do curso é de Dione Carlos, com aulas ministradas por Onisajé e Preto Amparo.

INFORMAÇÕES GERAIS

Modalidade: curso livre

Formato: curso autoformativo (assíncrono)

Carga horária: 10 horas

Público-alvo: dramaturgos, roteiristas, atores, diretores e pessoas interessadas na discussão crítica sobre representação na ficção

Certificação: com emissão de certificado ao final do curso, de acordo com as regras previstas no regulamento da *Escola Itaú Cultural*

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

EIXO 1 – Dramaturgia afromítica

Profa. Onisajé

Um estudo sobre o processo de criação dos textos teatrais *Siré Obá – a festa do rei*, *Ogum, deus e homem*, *Exu – a boca do universo* e *Odùduwà – o poder feminino da criação*, com o objetivo de compreender como os *itans* (lendas sobre os Orixás) e *orikis* (poesia em exaltação aos Orixás) podem potencializar a criação dramaturgica desde a escolha temática, passando pela construção de uma dramaturgia imagética, rítmico-melódica e ritualística, chegando ao processo de aprofundamento de temas como identidade, ancestralidade negra e tradição na contemporaneidade.

AULA 1 – Mitologia negra: olhando a peça *Siré Obá – a festa do rei*

Um estudo sobre o processo de criação do texto teatral.

AULA 2 – Representatividade negra: *Ogum, deus e homem* em cena

Um estudo sobre o processo de criação do texto teatral.

AULA 3 – Dramaturgia negra: um olhar lírico-narrativo do mundo

Com base na influência de pensadores como o griô Sotigui Kouyaté, Iyakemi Ribeiro e Antônio Risério, a dramaturga e encenadora Fernanda Júlia Onisajé reflete sobre o conceito de “afromítica”, desenvolvido em seus trabalhos com o Núcleo Afro-Brasileiro de Teatro de Alagoinhas (Nata), fundado por ela, tendo como pilar a oralidade e as mitologias que fundamentam as religiões de matriz africana.

AULA 4 – Atualizando o mito: uma visita à peça “Exu – a boca do universo”

Um estudo sobre o processo de criação do texto teatral.

AULA 5 – Uma gira sobre poder e “Oduduwá, o poder feminino da criação”

Um estudo sobre o processo de criação do texto teatral.

EIXO 2 – Reflexões em busca da construção de uma dramaturgia negra

Prof. Preto Amparo

O ator, diretor e iluminador teatral Preto Amparo direciona o olhar para as criações artísticas negras numa perspectiva que conduz ao autoconhecimento de potencialidades e, portanto, ao empoderamento para artistas negros. Ao mesmo tempo que, por um lado, tensiona estruturas colonizadoras que categorizam, diminuem e excluem as artes cênicas pretas no cenário artístico-cultural do país, por outro, apresenta veredas decolonizadoras que subvertem a hegemonia eurocêntrica e contribuem para a escrita de dramaturgias negras em nome próprio, como o espetáculo *Violento*, por ele encenado.

AULA 6 – Temática negra: cultura negra e suas dimensões cênicas

Preto Amparo reflete sobre o papel do corpo como lugar político- artístico de transformação. A partir de aportes teóricos como *Os condenados da Terra*, texto de Franz Fanon, aliado ao seu trabalho como artista na criação de obras que atuam como resposta em legítima defesa à violência da colonização, compartilha seus processos artísticos, refletindo sobre eles.

AULA 7 – Autoria: a construção de um olhar próprio – nós por nós

Uma reflexão sobre autoria negra com base na experiência da organização da *Segunda preta* – definida por Preto Amparo, responsável por guiar este encontro, como sendo um “movimento-território-quilombo” – e do Prêmio Leda Maria Martins, o qual homenageia uma das maiores pensadoras sobre arte negra do mundo – que é poeta, dramaturga, encenadora e ensaísta – e cujas categorias estão baseadas em conceitos desenvolvidos por ela.

AULA 8 – Moçambique e a formação de Estado-nação

Por meio de uma reflexão comparativa entre o processo de colonização enfrentado por Brasil e Moçambique, Preto Amparo fala sobre África e diáspora, a formação africana e o Estado-nação sob um ponto de vista pan-africano, baseado nas ideias de pensadores como Malcolm X, Marcus Garvey, Kwame Nkrumah e Thomas Sankara, além do impacto da questão colonial na estética desenvolvida por afrodescendentes.

AULA 9 – Linguagem: uma análise a partir do espetáculo *Violento*

O espetáculo *Violento*, criado por Preto Amparo, se desenha pela trajetória de um jovem negro na sociedade, diretamente atingido por abordagens policiais, encarceramento em massa, pelo genocídio em curso e pela hipersexualização do corpo negro, acrescida de elementos urbanos e ritos de passagens contemporâneos. No curso, Preto reflete sobre o processo criativo da *performance*.

AULA 10 – Público: interculturalidade e sua importância para o público negro

Preto Amparo reflete sobre a busca de uma construção autoral negra na dramaturgia brasileira em diálogo com um público acostumado a fruir de um modo específico de fazer teatro, baseado em uma visão eurocêntrica do mundo. Um convite a pensar seriamente a questão antirracista e intercultural na arte brasileira.

DOCENTES

Dione Carlos

Atriz, dramaturga, roteirista e curadora, Dione Carlos cursou jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo e é formada em dramaturgia pela SP Escola de Teatro. É responsável por cerca de 22 textos encenados por diversos grupos: Cia. do Pássaro, Cia. do Caminho Velho, Cia. Livre, Coletivo Legítima Defesa e Cia. Capulanas de Arte Negra, entre outros. Autora do livro *Dramaturgias do front*, pela editora Primata, integra, ainda, as seguintes coletâneas: *Dramaturgia negra*, da Funarte; *Negras insurgências*, da Capulanas.

Atua como orientadora artística do Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro (ELT) de Santo André. É responsável pela curadoria de diversos festivais nacionais e internacionais. Representou o Brasil no Dia Internacional da Língua Portuguesa em 2019, tendo palestrado no Museu da Acrópole, em Atenas, na Grécia. A peça *Ialodés* foi publicada pela Edições Funarte na antologia *Dramaturgia negra* (2019). Atua como roteirista e é responsável por roteiros em canais como GNT (*Elza infinita*), Disney Plus e Rede Globo.

Foi convidada pela Play Company para ser uma das quatro residentes do Black Women Theatre Makers of the Globe, residência artística de quatro meses em Nova York, nos Estados Unidos, onde desenvolveu o trabalho *Olhos coloridos*, dramaturgia criada a partir das obras de Rosana Paulino. Em 2021, voltou aos palcos como atriz na peça *Maria d'Apparecida – luz negra*, também escrita por ela e dirigida por Luiz Fernando Marques, sobre a primeira mulher negra a cantar na Ópera de Paris.

Onisajé

Yakekerê (segunda ialorixá) do Ilê Axé Oyá L'adê Inan, localizado em Alagoinhas (BA), Onisajé é baiana e encenadora-fundadora do Núcleo Afro-Brasileiro de Teatro de Alagoinhas (Nata). Mestre e doutoranda em artes cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), Onisajé é dramaturga e pesquisadora das religiões de matrizes afro-brasileiras, com foco no candomblé de ketu. A

escritora já assinou os roteiros de *Senzalas – a história, o espetáculo* (2002), *Siré Obá – a festa do rei* (coautoria de Thiago Romero, 2009), *Ogum, deus e homem* (coautoria de Fernando Santana, 2010), *Oduduwá – o poder feminino da criação* (2015), *Macumba – uma gira sobre poder* (2016) e *Rosas negras* (2017). Atuou como professora substituta na Escola de Teatro da UFBA, e sua dissertação de mestrado foi intitulada *Ancestralidade em cena: candomblé e teatro na formação de uma encenadora*. Com *Siré Obá – a festa do rei*, foi indicada na categoria Revelação no Prêmio Braskem de Teatro em 2009.

Preto Amparo

Ator, diretor e iluminador teatral. É natural do município de Patrocínio, localizado no Triângulo Mineiro. Iniciou sua carreira como intérprete na Cia. Máxima de Teatro. Amparo é graduado em artes cênicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, atualmente, cursa o bacharelado em humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). O mineiro também é articulador e coordenador técnico da *Segunda preta*, além de atuar como pesquisador de arte marginal e dramaturgias negras. Desde 2017, atua no solo *Violento*.